

APRESENTAÇÃO

*Profa. Dra. Maria do Carmo Martins***

“Porque, o que é que verdadeiramente se conserva através da memória oral ou escrita? Eu diria que as minuciosas sabedorias da vida diária, os escrúpulos e os rituais que fazem possível a convivência, a amizade, o amor, a vida familiar, a vida social. Tem razão Nietzsche, não podemos viver sem costumes, sem tradições. Uma espécie tão alarmentemente desprovida de instintos como a nossa somente pode sobreviver graças à ordem da cultura, e toda cultura supõe uma coesão profunda, uma memória compartilhada, a certeza poderosa de pertencer a uma ordem comum”.

William Ospina

Contra o vento do esquecimento, ou os professores leitores.

O poeta e ensaísta William Ospina, por ocasião do recebimento de seu título de doutor Honoris Causa, em 1983, proferiu um discurso em que descreve a relação entre a memória e o escrever - não como registro positivo - mas como um asilo cultural que sofremos por vivermos em mundos de exílio e deslocamentos espaciais.

A beleza do ensaio reside justamente no fato de Ospina escrever para salvar a sua alma americana, já que ele propõe que esse continente seja o continente do livro, sendo tanto o território, quanto esse modo de registro – impresso, escrito - o local e forma que, para ele, permitiriam alguma resistência às culturas e políticas dominantes, ressaltando a importância da lembrança num mundo sem tradições valorizadas.

As várias histórias contadas, num mundo de livros e leitores, correspondem às memórias eternizadas pela narrativa, transformadas pela literatura, eternizadas antes pelo hábito de contá-las (e isso as faz memória e não apenas histórias) e que podem ser escritas e reescritas por diversos escritores. Não contém o apelo da

versão única, da moral definida, da eternização dos sentidos. Mas o autor chama atenção no título de sua conferência, para os professores leitores como resistentes ao vento que promove o esquecimento.

O dossiê Memória e Educação, publicado nesse número 28 do Cadernos do CEOM, apresenta vários pontos de confluência com o que nos explica o poeta e ensaísta. Com diferentes formas de abordagem sobre memória e educação, registrando as preocupações em diferentes textos, diversos autores, o dossiê resguarda a polissêmia do termo memória e nos permite aproximações com suas distintas concepções.

A vinculação entre memória e educação parece ser algo comum, dado a capacidade intrínseca da memória como atributo cognitivo e a importância dela para a educabilidade do sujeito. Todavia, como percebemos nesse dossiê, são tantas as possibilidades da vinculação quanto são as formas da experiência das pesquisas envolvendo os dois termos. E delas surgem registros escriturários que nos mostram relações entre memória e educação; a educação pela memória e a memória da educação.

Os artigos escritos por Maria Carolina B. Galzerani, “Memória, história e tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história”; Federico Alves Cavanna “História recente, memória e educação: o caso do Uruguai; Diego Finder Machado e Fernando César Sossai, intitulado “De volta ao passado? Tentando romper as fronteiras do tempo em um presente comemorativo” e o artigo de Ana Maria Marques, denominado “Questões de gênero e etnia na abordagem metodológica para o ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, apresentam ao leitor preocupações com as questões de ordem metodológica sobre memórias, tempo, narrativas, promovendo importantes reflexões sobre as relações entre os estudos sobre a memória e os estudos da educação.

Em seus textos, os autores apontam-nos a necessidade de estarmos muito mais atentos e abertos para o enfrentamento das

tendências culturais dominantes da contemporaneidade e, abordando questões influentes para o ensino da história na escola e na educação formal, podemos perceber a importância dos estudos sobre o ensino dessa disciplina para a constituição de uma nova postura diante dos saberes escolares.

Entrando numa linha fronteira, abordando ainda questões relativas ao ensino de História, mas também de diferentes saberes e disciplinas escolares - tais como Educação Moral e Cívica e Artes - e, destacando as experiências como atributo essencial da memória para a educabilidade do sujeito, vemos surgir nesse dossiê os trabalhos de André Luiz Onghero sob o título "Memórias de professores de Educação Moral e Cívica nas escolas da 11ª Coordenadoria Regional de Educação - SC; Márcia Regina Poli Bichara, "Experiências de uma professora-pesquisadora: história e memória na educação para o melhor conviver"; o artigo de Karen Cristina Rechia, intitulado "Memória e experiência na formação inicial de professoras/es do Ensino Fundamental".

Nesse conjunto, as memórias são compreendidas tanto como artefato cultural, cuja abordagem é fundamental no caso de tentarmos compreender parte dos processos de constituição dos sujeitos, sejam eles professores ou alunos, quanto um bom caminho para a ampliação das pesquisas sobre as culturas de formação desses sujeitos.

Numa abordagem um pouco mais propositiva, mas ainda nessa mesma perspectiva de ampliarmos os debates sobre memória, cultura e configuração dos sujeitos, e, portanto, reiterando facetas de uma educação pela memória, encontramos o artigo de Érica Ramos Moimaz e Ana Heloísa Molina, "Arte e História: a pintura de Bruegel e o ensino de História"; o trabalho coletivo de Eduardo Relly, Antônio Marcos de Ávila, Neli Teresinha Galarce Machado, denominado "Experiências de uma Educação Patrimonial - Arqueólogo por um dia no Vale do Taquari/Rio Grande do Sul"; o trabalho de Vanessa Regina de Oliveira Martins "Análise das vantagens e desvantagens da LIBRAS como disciplina curricular

no ensino superior” e ainda o artigo de Aurora Teresinha Doering Brustolim, denominado “As manifestações culturais e o ensino de arte”. As abordagens sobre as memórias variam aqui, tanto pela compreensão dela em distintas expressões culturais quanto pelo valor patrimonial de resquícios do passado.

Por fim, queremos destacar na apresentação a bisettriz desse dossiê, que é composta por uma série de artigos, cujo eixo temático refere-se à memória da educação. Nela encontramos dois grandes blocos: a memória da educação - na cidade, nos arquivos, a constituição de um campo de pesquisa sobre a infância - e a memória da educação escolar, constituída por histórias de escolas e de estudantes. No primeiro caso, destacam-se a importância dada pelos autores para as questões das fontes de pesquisa histórica, a referência aos arquivos e ao patrimônio cultural urbano, nos quais inserem-se os artigos de Luiz Gustavo Lima Freire “A presença da história da educação brasileira no arquivo histórico ultramarino: o trabalho do projeto resgate”; o artigo de Maria de Fátima Guimarães Bueno, denominado “A história da educação: a cidade, a arquitetura escolar e o corpo”; o trabalho de Afonsina Maria Augusto Moreira denominado “Palavra impressa e encadernada: os Anais do Museu Histórico Nacional” e o trabalho de Nájela Tavares Ujii e Sandra Regina Gardacho Pietrobon, denominado “O movimento a favor da infância no Brasil”.

No segundo caso, destacam-se os artigos de Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi e Ana Lúcia Vulfe Nötzold, denominado “Professor Felicíssimo Belino e a primeira escola para os Kaingang: a memória comparada à história e a história registrando a memória”; o de Ana Laura Tridapalli, denominado “Cultura escolar nacionalizada - Ginásio Aurora (1938-1945)”; o de Alceu Antonio Werlang e Vitor Marcelo Vieira denominado “A congregação das irmãs de Notre Dame e a educação em Maravilha – SC” e, por fim, o de Lillian Cristine Ribeiro Nascimento, “Grandes escritores e suas histórias de fracasso escolar”. Nesses artigos, a instituição escolar é vista com olhos críticos, mas ao mesmo tempo atentos à importância

que essa instituição, construída na modernidade, assume na história de vida das pessoas. Assim, a história da escola e as memórias dos sujeitos, sejam eles professores ou aprendizes, são intrínsecamente associadas.

Como podemos perceber, trata-se de um longo trabalho envolvendo muitas escrituras, metodologias de pesquisa distintas, todas preocupadas em ampliar nossa compreensão na direção do que nos aponta o poeta citado no início dessa apresentação: a vida social, a vida de cada um de nós, a cultura em que estamos e aquelas que ignoramos. Fazer o trabalho de compreender os vínculos entre memórias e educação é também um esforço generoso, por parte de autores, em compartilhar conosco seus escrúpulos e afetos.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Notas

* Prof^a Dr^a do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte – DELART, Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP/ Campinas/SP. Brasil. Coordenadora do Centro de Memória da Educação da FE e membro do grupo de pesquisa Memória, História e Educação

